

“Assim, como estas, muitas outras questões interessantes e de actualidade ficarão pairando na dúvida”: uma análise de *assim como* no domínio da junção

Lúcia R. Lopes-Damasio*

RESUMO: Propõe-se, a partir de Halliday (1985) e Raible (1992, 2001), que os Padrões interproposicionais de *assim* distribuem-se em um *continuum*, configurado entre os usos representativos dos diferentes tipos de interdependência, partindo dos exemplares de relações do domínio da parataxe até os exemplares de relações hipotáticas, passando pelos que estão entre um e outro pólo do *continuum*. Ilustraremos o trabalho a partir do funcionamento da locução *assim como*, numa descrição de seu comportamento sintático-semântico no *corpus* selecionado e numa análise das evidências do processo de mudança linguística, via gramaticalização, que subjaz seu funcionamento como juntor, a fim de apontar o lugar, no *continuum*, ocupado por esse Padrão.

Palavras-chave: junção; *assim como*; parataxe; hipotaxe.

ABSTRACT: Based on Halliday (1985) and Raible (1992, 2001), this paper argues that the interpropositional patterns of *assim* are distributed in *continuum*, set within the representative usages of different types of interdependency, from examples of dominant relations of parataxis to examples of hypotatics, covering examples between the poles of the *continuum*. The paper takes as its starting point the function of the phrase *assim como*, with a description of its syntactic and semantic behavior in the selected corpus and an analysis of evidence of linguistic change through grammaticalization, which infers its function as a connector indicating the position held by this pattern in the *continuum*.

Keywords: linking clauses; *assim como*; parataxis; hypotatics.

* Universidade Estadual Paulista – São José do Rio Preto. E-mail: luciaregiane@bol.com.br. Processo Fapesp 07/07955-5.

1. Introdução

Este trabalho, inserido no Projeto para a História do Português Paulista (Projeto Caipira), tem como objeto de estudo o item *assim*. Entre os padrões de usos desse item, quatro representam relações interproposicionais, a saber: Padrão A – P, *assim* Q; Padrão B – P *assim como* Q; Padrão C – *Assim que* Q, P; e Padrão D – P, *mesmo assim* Q. Neste artigo, interessa-nos descrever e analisar os usos do Padrão B – P *assim como* Q, no domínio da junção.

Para isso, as ocorrências serão analisadas, na *seção 4*, segundo critérios formais, a saber: (1) tipo de unidade articulada: palavra, sintagma, oração ou enunciado; (2) co-ocorrência de outro juntor; (3) posição do juntor: inicial, medial ou final; (4) incidência de advérbios; (5) apresentação de formas reduzidas; (6) possibilidade de inversão da ordem; (7) relação entre P e Q: dependência ou não-dependência; (8) entrelaçamento: compartilhamento de estruturas (predicados, sujeitos, complementos etc), e; semântico: (9) relações de sentido.

A partir de Halliday (1985), consideramos que uma dimensão, na interpretação linguística, é o sistema de interdependência ou sistema “tático”, considerado geral para todos os complexos – palavras, sintagmas e orações. Assim, o critério (1) fundamenta-se na constatação do complexo específico articulado pelo juntor observado. O critério (2) focaliza o item em seu contexto de ocorrência, levantando implicações referentes ao seu processo de mudança, uma vez que a co-ocorrência de outro juntor é significativa no que tange à gramaticalização¹ do item, apontando sua não-prototipicidade, naquele contexto, e a necessidade do emprego de outro item já prototípico para a (co-)realização das funções pretendidas. Além disso, ajuda a explicar os processos de reinterpretação induzida pelo contexto, de reanálise etc. Os critérios de (3) a (8) depreendem o grau de interdependência entre as orações articuladas pelo juntor e, assim, caracterizam a construção no âmbito da parataxe ou da hipotaxe. Especificamente, os critérios (3) e (4), que colaboram para essa caracterização, relacionam-se, respectivamente, a especificidades da construção

¹ A GR será entendida, aqui, a partir da concepção de Traugott (1982, 1989, 1995, 2003), Traugott e König (1991) e Traugott e Heine (1991), entre outros, priorizando a análise dos aspectos semânticos e pragmáticos envolvidos no processo, definido como a pragmatização gradual do significado, que envolve estratégias de caráter inferencial e metafórico.

no âmbito desses domínios, também no que diz respeito à prototipicidade ou não do funcionamento desse item na construção e à constituição de contextos importantes para o processo de mudança experimentado.

A justificativa para o grande número de critérios para a identificação de uma mesma característica, relacionada à sistemática de interdependência entre as orações articuladas pelo item observado, encontra-se no fato de que não estamos focalizando apenas construções prototípicas da língua, nos diferentes domínios depreendidos, mas, principalmente, construções não-prototípicas que revelam grande fluidez de traços e não-discritude de relações. Diante disso, um traço não refletido na constatação de um critério poderá refletir-se em outro.

Por sua vez, o critério (9) procurará depreender as relações de sentido veiculadas pelos juntores focalizados em seus vários contextos de ocorrência.

Feita essa descrição, proporemos uma discussão do padrão B – P *assim como* Q, de uso juntivo em que o item *assim* se envolve, a partir da análise das relações lógico-semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa. Com base em Halliday (1985) e Raible (2001; 1992, *apud* Kabatek, 2005), interpretaremos, qualitativamente, as relações entre orações articuladas por esse Padrão, em termos dos componentes sintático e lógico-semântico do sistema linguístico. A partir dessa análise, proporemos um *continuum parataxe > hipotaxe*, em que se localizarão os usos de *assim* focalizados na descrição de *assim como*, em relação aos seus outros Padrões interproposicionais.

2. Material e metodologia

O *corpus* organiza-se segundo: (i) as Tradições Discursivas investigadas;² (ii) a delimitação geográfica (Estado de São Paulo); e, (iii) a delimitação tem-

² O conceito de Tradição Discursiva (TD) nasce, na linguística alemã, fortemente influenciado pela escola de Coseriu que aceita como fundamental, para qualquer estudo da linguagem, a distinção entre três níveis da atividade linguística: *universal* (equivalente à competência humana de falar em geral); *histórico* (nível das línguas enquanto sistemas de significação dados e atualizados historicamente); e *textual ou dos discursos concretos* (abrange o exercício da linguagem por parte do indivíduo). O conceito de TD é definido a partir da reduplicação do nível histórico de Coseriu, i. é, postula-se a existência da língua, como sistema gramatical e léxico, e das TD como dois fatores em nível histórico. Nessa direção, segundo Kabatek (2005, p. 159), “entendemos por Tradição discursiva (TD) a repetição

poral (séc. XVIII a XXI). Foram analisadas amostras compostas por 274 textos referentes a cada TD, em relação ao:

(A) *corpus* diacrônico, representativo das TD *carta* e *editorial jornalístico*.

O *corpus* da TD *carta* divide-se em: (i) *Administração Privada*: cartas de aldeamento de índios (séc. XVIII e XIX); (ii) *Documentos Pessoais*: cartas de pessoas relacionadas com: (a) José Bonifácio (primeira metade do séc. XIX); (b) Washington Luiz (fins do séc. XIX); (c) Prof. Fidelino de Figueiredo (fins do séc. XIX e séc. XX); e (iii) *Cartas de leitores e redatores de jornais* (séc. XIX e XX).³

O *corpus* diacrônico da TD *editorial* compõe-se por textos do jornal *O Estado de S. Paulo* desde a sua fundação, quando se intitulava *A Província de S. Paulo*, até 1964, seguindo a divisão: (i) séc. XIX (1875-1895); e (ii) séc. XX (1858, 1859 e 1864);⁴ e

(B) *corpus* sincrônico, composto por: (i) TD caracterizadas pela oralidade (inquéritos do Banco de dados IBORUNA); e (ii) TD *e-mail*.

Nessa análise, apresentaremos uma descrição do comportamento sintático-semântico da locução *assim como* nos *corpora* selecionados e, a partir dela, evidências do processo de mudança linguística que subjaz seu funcionamento sincrônico como juntor, propondo uma interpretação do processo a partir dos pressupostos teóricos da GR. Trata-se de estudar a emergência de *assim como* como parte de um mecanismo produtivo de formação de jutores, que vem se consolidando a séculos, a partir da reinterpretação de material linguístico disponível no repertório da língua.

de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação com qualquer finalidade de expressão ou com qualquer elemento de conteúdo cuja repetição estabelece um laço entre atualização e tradição [...]” (tradução nossa). Embora não seja o objetivo deste artigo, entendemos que as TD podem influenciar o comportamento e a mudança dos itens focalizados.

³ Esses *corpora* foram organizados respectivamente por: (a) Simões e Kewitz (2006); (b) Barroso e Batista (2007); e (c) Afrânio Barbosa e Célia Lopes (2002, 2006)

⁴ Coletado no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), localizado na UNESP-Assis.

3. Fundamentação teórica

3.1. Sobre a junção de orações

Existem, segundo Halliday (1985, p. 193), duas dimensões sistêmicas na interpretação: (i) o sistema de interdependência (*tático*), caracterizado pela parataxe e hipotaxe, que é geral para todos os complexos – palavras, grupos, sintagmas e orações; e (ii) o sistema lógico-semântico de *expansão* e *projeção*, que é especialmente uma relação inter-oracional – ou melhor, uma relação entre processos, normalmente (mas não sempre) expressa na gramática como um complexo de orações. Essas duas dimensões provêm o modelo funcional de orações complexas na perspectiva desse autor. Lançaremos mão desse modelo para a descrição das relações de junção de orações, estabelecidas por *assim como*, excluindo unicamente o sistema lógico-semântico de *projeção*, assim como as considerações sobre encaixamento de orações, visto que esses aspectos não são englobados na análise a partir do item focalizado.

A relação entre orações pode ser interpretada, segundo Halliday (1985, p.194-195) como uma relação de *modificação*, mas, para isso, esse conceito precisa ser refinado e enriquecido a fim de explicar relações dentro da oração complexa, ou seja, para levar em conta alternativas sistemáticas ao longo de duas dimensões separadas: (i) o tipo de interdependência; e (ii) a relação lógico-semântica.

(i) *tipo de interdependência*: a relação de modificação, por meio da qual um elemento modifica o outro, não é a única relação que pode ser obtida entre os membros de um complexo. Onde um elemento modifica o outro, o estatuto dos dois é desigual; o elemento modificador é dependente do modificado. Mas dois elementos podem ser unidos em uma colocação igual, na qual um não é dependente do outro (Halliday, 1985, p. 195).

Assim, *parataxe* é a ligação de elementos de mesmo estatuto, i. é, o elemento inicial e o seguinte são livres, no sentido de que cada um tem seu funcionamento pleno, e *hipotaxe* é a ligação de elementos de estatutos desiguais, o “elemento dominante é livre, mas o dependente não o é” (Halliday, 1985, p. 198). As orações complexas envolvem relações de ambos os tipos, configurando, tipicamente, uma mistura de sequências paratáticas e hipotáticas em que uma pode estar aninhada dentro da outra.

A partir dessas considerações, o autor se refere aos membros de um par de orações relacionadas, em parataxe ou hipotaxe, como *primárias* e *secundárias*, sendo que a *primária* é a oração inicial em uma estrutura paratática, e a oração dominante em uma hipotática; a *secundária* é a oração de continuação em uma estrutura paratática, e a dependente em uma hipotática.⁵

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1 (inicial)	2 (continuação)
HIPOTAXE	α (dominante)	β (dependente)

(ii) *relação lógico-semântica*: existe um amplo alcance de diferentes relações lógico-semânticas, algumas das quais podem manter-se entre os membros de um nexo oracional primário e secundário. Mas é possível agrupá-las em tipos gerais, baseados em duas relações fundamentais: (1) *expansão* e (2) *projeção* (Halliday, 1985, p. 196).

(1) *Expansão*: a oração secundária *expande* a oração primária

(a) *Elaborando-a* (notação $1=2$; $\alpha = \beta$);

(b) *Estendendo-a* (notação $1 + 2$; $\alpha + \beta$); ou

(c) *Realçando-a* (notação 1×2 ; $\alpha \times \beta$).

Segue uma breve definição de cada uma das categorias da *expansão*, com exemplos.⁶

(1a) *elaboração*: uma oração expande a outra, elaborando-a (ou elaborando alguma porção dela); especificando-a com maiores detalhes, comentando-a ou exemplificando-a (*ou seja*);

(1b) *extensão*: uma oração expande a outra, acrescentando algum novo elemento, que apresenta, em relação a ela, uma exceção, ou oferecendo a ela uma alternativa (*e, ou*); ou

⁵ Apesar desse aparato para lidar com os membros de um par de orações relacionadas, é importante ter clareza de que o autor não trata os tipos de interdependência entre orações de forma discreta.

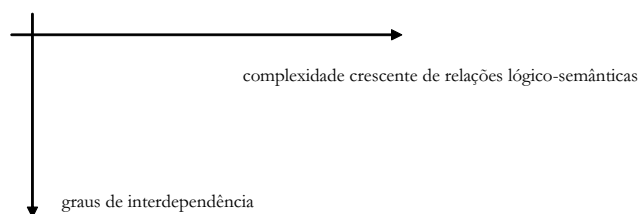
⁶ Os exemplos são os correspondentes em Português daqueles usados por Halliday em Inglês.

(1c) *realce*: uma oração expande a outra pelo “embelezamento” em torno dela, qualificando-a com alguma característica circunstancial de tempo, lugar, causa ou condição (*assim, já, então*).

Em *hipotaxe* as orações primária e secundária podem ocorrer em qualquer ordem, mas a secundária é sempre a dependente, ou seja, a que faz a expansão ou a projecção. Já em *parataxe*, somente a ordem 1 2 é possível. A primária, na relação paratática, é simplesmente uma matéria que vem primeiro. Além disso, como na *parataxe* não há dependência de um elemento a outro, não há ordenação outra do que aquela que é representada pela sequência. Assim, a ordem é importante e sua inversão representa alterações semântico-formais na estrutura e no significado do complexo. Na *hipotaxe*, os elementos são ordenados em dependência, e essa ordenação é amplamente independente da sequência. Consequentemente, têm-se várias sequências: oração dependente (i) seguindo a dominante; (ii) precedendo a dominante; (iii) cercada; ou (iv) cercando a dominante (Halliday, 1985, p. 199-200)

Conjugando à proposta de abordagem das orações complexas de Halliday (1985), uma teoria proposta por Raible (2001; 1992, *apud* Kabatek, 2005), segundo a qual chama-se *junktion* a dimensão universal da linguagem que permite a sistematização dos diferentes elementos e técnicas linguísticas usadas para *juntar/combinar* elementos proposicionais, podemos organizar as técnicas de junção que envolvem o item *assim*, classificando-as a partir de um esquema sintático-semântico.

Raible descreve diferentes graus do que chama de *integração* e que aqui chamaremos de “interdependência”, uma vez que a *integração* deste autor engloba as formas de interdependência de orações, propostas por Halliday, incluindo, portanto, a parataxe, a hipotaxe e o encaixamento, i. é, desde a justaposição, até formas extremas de interdependência, como a nominalização, passando por etapas de subordinação. Os diferentes graus de interdependência expõem-se em um eixo sintático vertical. A isso, somam-se as diferentes relações semânticas expressas pelos juntores, seguindo uma “escala cognitiva de complexidade crescente”. Estamos, portanto, lidando com uma especificação das relações lógico-semânticas propostas por Halliday, que se expõem em um eixo horizontal, como ilustra a adaptação do esquema *Junktion*, segundo Raible:



A ordenação dos graus de interdependência dos jutores no eixo vertical pode ser exemplificada a partir do quadro 1, ilustrativo das possibilidades de junção, no eixo sintático:

padrões	tipo de integração	Exemplos
I	Junção por justaposição (sem jutor explícito)	<i>João está doente. Não come nada.</i>
II	Junção pronominal (relações dêiticas com a frase anterior)	<i>[...] Por isso não come nada.</i>
III	Junção por coordenação (com jutor explícito)	<i>[...] pois não come nada</i>
IV	Junção por subordinação (hipotaxe e encaixamento)	<i>[...] João está doente porque não come nada.</i>
V	Junção com gerúndios e participios	<i>[...] não comendo nada</i>
VI	Junção com grupos preposicionais	<i>[...] Por causa de jejum, João está doente.</i>
VII	Junção com preposições	<i>Por fome, João está doente</i>

Quadro 1 – Esquema adaptado do eixo vertical de junção (Kabatek, 2005, p. 14)

3.2. Sobre a relação de comparação

O Padrão B – P *assim como* Q caracteriza-se por uma locução que assume comportamentos sintático-semânticos distintos nos nossos *corpora*. Para iniciar a descrição e análise dessa locução que atua, entre outros, no domínio da comparação, apresentamos algumas características centrais, proposta por Neves (2000), das *construções comparativas*:

- (i) do ponto de vista sintático, a *interdependência* de dois elementos; e
- (ii) do ponto de vista semântico, o estabelecimento de um cotejo, ou relação de *comparação*, entre esses elementos.

Em consequência de (i), observam-se outras características intrinsecamente relacionadas: o *binarismo* que encerra os turnos envolvidos na construção; a *ordenação* em princípio *irreversível*; a redução do volume do segundo segmento da comparação, via *elipse*,⁷ e o *foco*, evocado para explicar os elementos postos em contraste na construção, a partir de um domínio constituído por: (a) marcador de foco (M); (b) foco (F); e (c) resíduo (R). No primeiro membro da construção, M é constituído de um modificador que indica a dimensão da comparação (*mais, menos, tanto/tão*); no segundo, a dimensão é omitida e o M é constituído de um elemento comparativo, posto na primeira posição (*que/do que, quanto*). Na base dessa construção há um elemento comum (R) que garante a possível realização da elipse,⁸ na segunda parte da comparação, como se verifica no esquema abaixo, extraído de Neves (2000, p. 897):

A música é	uma ciência	<i>tanto</i>	<i>quanto</i>	(a música é)	uma arte.
R	F	M	M	R	F

No que diz respeito ao modo de construção das comparativas, Neves argumenta que essas construções são compostas de uma oração nuclear ou principal (P) e uma oração comparativa (Q), que constitui o segundo termo de comparação, podendo estabelecer-se também em relação mais específica a um de seus constituintes. Dessa forma, o constituinte comparado, em (P), é o primeiro termo da comparação e o constituinte com o qual a comparação é estabelecida, em (Q), é o segundo.

Nesse âmbito, observam-se dois tipos de comparativas: as *correlativas* e as *não-correlativas*. Dentre os grupos possíveis de *comparativas correlativas*, apresentados por Neves (2000, p. 898-900), interessa-nos, especificamente, aquele que abarca enunciados compostos de P, na qual um termo é destacado por uma marca formal como primeiro termo da comparação; ou enunciados com-

⁷ Isso se dá graças à existência de um elemento comum aos dois segmentos comparados. Nas palavras de Neves (2000, p. 894): “[...] nas construções *comparativas*, dois membros são comparados a respeito de algo que têm em comum”.

⁸ A elipse, verificada no R, pode ser constatada em extensões variáveis. Neves aponta ainda que, nos casos de comparação, além das elipses de elementos comuns, facilmente recuperáveis a partir da própria estrutura comparativa, há elipses de outros elementos, ou elipses totais, em que a recuperação constitui um processo mais complexo, operado não só em relação ao primeiro membro da comparação, mas também ao contexto, linguístico, situacional ou ainda cognitivo.

postos de uma oração comparativa que traz, também destacado formalmente, o segundo membro da comparação.

De acordo com Neves, as construções comparativas deste último tipo são sempre de igualdade e implicam uma *adição correlativa*, do tipo *não só... mas também*, somada à comparação. Nesse tipo de correlativas, também indicando uma adição correlativa, a autora inclui as comparativas que têm: (a) em P, um elemento de inclusão, como *também*, *assim também*, entre outros; e (b) em Q, a conjunção comparativa prototípica *como* precedida pelo indicador fórico modal *assim* (*assim como*):

Assim como o sistema se diferencia (na modernidade) em dois subsistemas (economia e Estado), também ocorrem diferenciações no interior do “mundo vivido”

Por sua vez, as *comparativas não-correlativas* não apresentam nenhum elemento de P marcado por quantificação relativa, mas têm Q sempre iniciada por *conjunção* ou *locução conjuntiva* indicativa de comparação de igualdade:

A neurose, o sintoma, assim como o lapso e o sonho, apenas se tornam inteligíveis dentro da experiência vivida do sujeito [...]

No que tange as relações expressas pelas construções comparativas, mais especificamente as comparativas não-correlativas, sempre relacionadas à expressão de igualdade, Neves aponta que essa igualdade pode ser (i) qualitativa ou (ii) quantitativa:

- (i) *Isto, porém, só tem graça e faz cócegas se contado por ele mesmo, tal qual está na Arca.*
- (ii) *Tudo isso, tanto quanto a origem e a natureza desses estranhos aparelhos, continua no terreno das hipóteses, das conjecturas.*

Em relação a (i), Neves afirma a possibilidade de essa comparação apresentar-se com *independência sintática* entre seus membros, sem elipses; e a (ii) a instauração de um efeito de sentido *aditivo*, com indicação de *igualdade de proporção*.

4. Descrição e análise

4.1. Aspectos semântico-formais do Padrão B – P *assim como* Q

A observação dos aspectos apontados a partir da análise das *conjunções/construções comparativas*, realizada por Neves (2000), permite a constatação de uma grande fluidez no que diz respeito aos parâmetros (i) e (ii) que inicial-

mente são apontados como característicos dessas construções. Basicamente, observa-se a *independência sintática* entre os segmentos envolvidos, como nas comparativas não-correlativas, especificamente, as qualitativas. Além disso, a autora chama a atenção para a implicação semântica de *adição* nas comparativas correlativas de igualdade. A fluidez da caracterização constata-se também em relação à *elipse*, que pode ou não ocorrer, embora figurando entre as características elencadas pela autora.

Considerando essa descrição e fluidez, de acordo com Neves, a análise específica da construção *P assim como Q* exige que se parta dos aspectos considerados prototípicos para sua configuração. Assim, consideraremos que, sintaticamente, as *aditivas* são coordenadas, podendo combinar turnos indefinidamente numa configuração eneária, enquanto as *comparativas* e as *conformativas* são interdependentes, como as demais construções adverbiais, podendo, então, fechar dois turnos numa combinação binária.

No domínio da *coordenação aditiva*, *assim como* se apresenta de forma mais neutra do que nas construções comparativa e conformativa. Seu papel é acrescentar um segundo segmento ao primeiro, recursivamente, independente da direção desses segmentos, determinada pelas variações contextuais (Neves, 2000, p. 739). Dessa forma, a paráfrase por *e também* é possível e representativa dessa acepção.

Considerando essa caracterização dos aspectos prototípicos das construções comparativas, de um lado, e das aditivas, de outro, e os critérios formais e semânticos elencados para este trabalho, apontamos três acepções para a construção *P assim como Q*, distribuídas nos domínios da comparação e da adição, partindo da descrição de seu comportamento prototípico em direção aos casos em que a fluidez dos aspectos de ambos os domínios torna-se cada vez mais evidente. Além disso, revela-se também uma quarta acepção, fortemente relacionada às anteriores, por meio do traço modal, que lhes é intrínseco, perpassada pela semântica da conformidade. As acepções são:

P assim como Q = construção comparativa não-correlativa

P assim como Q = construção comparativa correlativa

P assim como Q = construção coordenativa aditiva

P, assim como Q / assim como Q, P / P[assim como Q]P = construção conformativa

As principais características de *P assim como Q*,⁹ construção *comparativa não-correlativa* são:

- (1) tipo de unidade articulada: oração;
- (2) sem co-ocorrência de outra conjunção;
- (3) posição inicial de Q;
- (4) possibilidade de incidência adverbial sobre toda a construção;
- (5) possibilidade de apresentação de formas verbais reduzidas;
- (6) impossibilidade de inversão da ordem;
- (7) relação de dependência entre P e Q;
- (8) entrelaçamento: compartilhamento de estruturas diversas; e
- (9) relação de sentido: valor comparativo de igualdade.

Essas características traçam o perfil de prototipicidade dessa construção, tal como exemplificamos por meio das ocorrências (1), extraída da TD carta, e (2) das TD caracterizadas pela oralidade:¹⁰

- (1) Meu presado Professor Fidelino | Meus pais muito estimam que o senhor | esteja melhor, *assim como* esta sua ami- | guinha que sempre o recorda com sal- | dade! Esperamos também que sua espô- sa e os seus estejam passando bem. [FFXX-54f/135]
- (2) éh como meu pai é daqui da cidade é médico aqui... éh:: eu resolvi tê(r) ele lá na Santa Casa... que é um hospital que a gente conhece mais... e... o meu irmão mais velho a minha irmã também são médicos... *assim como* o meu marido...[AC-082/NE438]

Aplicam-se aqui os critérios semântico-formais acima especificados. Vale apenas ilustrar a relação de articulação de orações, seguida pela observação do entrelaçamento formal:

Meus pais *muito estimam que o senhor esteja melhor*, *assim como* esta sua amigui-
nha *muito estima que o senhor esteja melhor*.o meu irmão mais velho a minha irmã
também são médicos... *assim como* o meu marido *é médico*...

⁹ Foi constatada também a forma variante *P bem assim Q*.

¹⁰ O contexto de realização prototípica dessa construção pode ser constatado também no *corpus* das TD caracterizadas pela oralidade, como exemplificado, embora a grande maioria dos casos observados nesse tipo de texto aponte aspectos de não prototipicidade.

A locução juntiva é responsável pela articulação de orações que compartilham a estrutura do Pred, em (1), e do Predicativo, em (2), reservadas as concordâncias com seus respectivos sujeitos (“Meus pais” *estimam*, em P, “esta sua amiguinha” *estima* em Q; e “meu irmão mais velho e minha irmã” *são* médicos, em P, e “o meu marido” *é* médico em Q). Exatamente por conta da elipse dessas estruturas compartilhadas, que guardam alterações em sua forma, temos um grau de dependência entre P e Q, que impossibilita a inversão da ordem sintática.

A mesma prototipicidade pode ser verificada na ocorrência (3), retirada de um editorial, em que, de acordo com o esquema que segue, Q compartilha com P o sujeito *a sua apresentação* e o predicativo *inoportuna*, ambos elípticos em Q. A forma de recuperação pronominal desses elementos compartilhados determina a dependência de Q em relação a P e, conseqüentemente, a impossibilidade de inversão da ordem.

- (3) A alegação não passa de um meio puramente administrativo que não pôde afectar o direito das assembléas e portanto a sua apresentação no parecer da comissão de justiça nos parece inoportuna, assim como o foi no relatório do ministro. [APSPXIX-1880/065]

a sua apresentação no parecer da comissão de justiça nos parece *inoportuna*, assim como o foi *a sua apresentação inoportuna* no relatório do ministro.

Embora também prototípicas, as ocorrências (4) e (5), extraídas da TD carta, apresentam características diferenciadas, em relação às anteriores:

- (4) Os Directores actuaes de Embou, eIta peserica he constante, que Com Zelo, eactividades seimpregao nas diligencias uteis, e consernen tes para o aumento, econservassao das Respectivas Aldeas, movendo juntamente aos Indios, quando do neles reconheSsem tibieza, aque trabalhem, e fassao as suas plantassoens vantajoas; a sim como nao perdem devista oevitarlhes to das asocazioens deque podem sugerir algumas des ordens [...] [AIXVIII-24/63]

Ilustra-se, na sequência, a articulação de orações realizada por *assim como* e a estrutura compartilhada entre P e Q, a partir dessa ocorrência:

Os diretores atuais de Embu [...], movendo juntamente aos índios, quando neles reconhecessem tibieza, a que trabalhem, e façam as suas plantações vantajoas, assim como

Os diretores atuais de Embu não perdem de vista evitar-lhes todas as ocasiões de que podem sugerir algumas desordens

Há apenas o compartilhamento do Suj “*Os diretores atuais de Embu*” entre P e Q, sendo ele elíptico em Q, mas a relação de dependência, constatada na impossibilidade de inversão da ordem dessas orações, é garantida a partir da presença de formas verbais reduzidas de gerúndio e infinitivo (*movendo*, em P, e *evitar-lhes*, em Q).

- (5) Porque não *pescasteis* isto | ahi com algum moço do 3.º anno? Isso | evitaria que viesseis tocar rabeca com ar- | co de taquara. || Pensasteis então que impunemente se | vai citando estas coisas, *assim como* se | decora a taboada? || [...] [LRXIX-448/79]

Em (5) observa-se, mais uma vez, apenas o compartilhamento da estrutura de Suj indeterminado pela partícula *se*:

[Pensasteis então que]
se vai citando essas coisas,
 assim como
se decora a taboada?

Além da presença de uma forma verbal reduzida no verbo principal da locução “vai citando”, característica observada em (4), a especificidade desta ocorrência encontra-se na incidência do advérbio “impunemente” sobre toda a construção *P assim como Q*, o que aponta a relação semântico-formal dos enunciados P e Q. Vejamos:

Pensasteis então que *impunemente* se vai citando estas coisas, assim como *impunemente* se decora a taboada?

Nessa estrutura o advérbio corresponde ao Resíduo, elemento comum entre P e Q, que propicia a sua omissão em Q, já que o próprio mecanismo da construção comparativa responde por ele. A locução juntiva corresponde ao Marcador de foco e as orações comparadas ao próprio Foco, tal como ilustramos no esquema abaixo:

<i>impunemente</i>	se vai citando essas coisas	<i>assim como</i>	(<i>impunemente</i>)	se decora a taboada
R	F	M	R	F

Esse tipo de estrutura pode ser encontrado na TD editorial, tal como em (6):

- (6) Os seus esforços *infelizmente* foram sem- | pre perdidos, *assim como* foram os daquelles | que antes delle, em 1888, e em 18[ininteligível], na | *Actualidade* e na *Opinião liberal* escreveram | no sentido de salvar o partido liberal [...] [APSPXIX-1876/020]

Por sua vez, as principais características de *P assim como Q*, construção *comparativa correlativa*, observadas a partir da análise descritiva exclusivamente de suas ocorrências na TD carta, já que não foram encontradas ocorrências nos *corpora* das demais TD, são bastante próximas às já apresentadas em relação à comparativa não-correlativa, revelando diferenças significativas apenas nos itens:

- (3) posição inicial/medial de P e posição inicial de Q; e
(9) relação de sentido: valor comparativo de igualdade + valor aditivo.

Esse compartilhamento de características é compreensível, uma vez que, embora esteja em estrutura diferente, ainda encontra-se no domínio da comparação. A ocorrência (7) ilustra um caso prototípico:

- (7) A agua do *chafariz*, *assim como* | lhe foi arrancada, *assim* lhe pode, ser restituída. [LRXIX-453/86]

A correlação *assim como...assim*, articula SVs que compartilham a mesma natureza estrutural e o mesmo Suj:

A água do chafariz
assim como
lhe pode ser arrancada,
assim
lhe pode ser restituída

Nessa construção, em presença de formas reduzidas, a primeira parte da correlação (*assim como*) localiza-se em posição medial de P, e a segunda parte (*assim*) em posição inicial de Q. A presença dos elementos comparativos

em P e Q permite a análise da construção como uma comparação correlativa, já que se observa: (a) em P, um segmento textual focalizado por uma marca formal, como o primeiro membro do cotejo; e (b) em Q, outro segmento textual também focalizado por uma marca formal, como o segundo membro do cotejo (de mesma natureza que o primeiro). Implica-se, portanto, uma *adição*, que se soma à *comparação*, segundo proposta de Neves (2000):

=	do mesmo modo que	a água do chafariz	lhe pode ser arrancada
	do mesmo modo <i>também</i>	(a água do chafariz)	lhe pode ser restituída
	M	R	F

Embora nessa comparação correlativa esteja implícita a noção de adição, constatada na possibilidade de co-ocorrência de *também* com o segundo elemento da correlação (*assim*, em Q), ou mesmo, de paráfrase por *também*, nesse elemento, existe uma restrição, que corrobora nossa análise, quanto à inversão da ordem sintática de P e Q, graças à relação icônico-temporal implícita na correlação comparativa (a água primeiramente tem que “ser arrancada” para posteriormente, no tempo, “ser restituída”).

A ocorrência (8), abaixo, ilustra outra possibilidade de estruturação da locução:

- (8) [...] eaSSi por mais *que* os queira ReduZir ao gremio deSSua igre | ja por velos tão derramados: ConSsigo poCo fruto *aSSim* por alguñs | fugirem deSSua aldeia; *Como* outros Sonegados de *quem* ostem. [AIXVIII-03/41]
Nessa ocorrência, observa-se a correlação *assim...como* articulando orações que compartilham Suj tal como ilustrado abaixo:

[consigo pouco fruto]

assim

por alguns fugirem de suas aldeias

como

(*por*) outros serem sonegados de quem os tem

Os termos da correlação comparativa (*assim* e *como*) encontram-se em posição inicial de P e Q, respectivamente, também revelando formas reduzidas. Novamente, a relação de dependência das orações correlacionadas pela locução descontínua é determinada pela estrutura dos enunciados compara-

dos, já que em P ocorre a redução da conjunção *porque*, indicativa da causa pela qual o escrevente relata conseguir pouco fruto, elíptica em Q, e, ainda, a relação entre os pronomes usados na indefinição dos Suj compartilhados em correlação anafórica (*alguns* e *outros*). Apesar disso, tem-se outro exemplo de *adição comparativa*, especificamente do tipo “não só...mas também”. A ilustração dessa ocorrência no esquema mostra não só a possibilidade de interpretação aditiva, como a relação da locução na marcação dos focos a partir do Resíduo:

consigo pouco fruto	<i>assim</i> (não só)	por alguns fugirem de suas aldeias	<i>como</i> (mas <i>também</i>)	(<i>consigo pouco fruto</i>)	(por) outros serem sonegados
R	M	F	M	(R)	F

Por fim, as principais características de *P assim como Q*, construção *coordenativa aditiva*, observadas a partir da análise descritiva de suas ocorrências nos *corpora* desta pesquisa, são, como era esperado, mais distantes das já apresentadas em relação às comparativas. Os itens que se distinguem são:

- (4) sem incidência adverbial sobre toda a construção;
- (5) sem apresentação de formas verbais reduzidas;
- (6) possibilidade de inversão da ordem;
- (7) relação de independência entre P e Q;
- (8) não compartilhamento de estruturas diversas ou compartilhamento pouco incisivo; e
- (9) relação de sentido: valor aditivo-inclusivo.

Essas características traçam o perfil prototípico da construção, como exemplificamos por meio de (9), (10) e (11), extraídas das TD carta, editorial e das TD caracterizadas pela oralidade, respectivamente:

- (9) [...] | Desejo sin- | cêramente que sua saude se tenha feito com a volta ao | clima em que o seu corpo foi criado, *assim como* desejo | que sua distinguida família se encontre bem e que o 1952 | vos seja verdadeiramente favorável. [FFXX-52b/119]
- (10) [...] e ninguém | poderá afirmar que a capital argentina | seja mais populosa do que a brasileira, | *assim como* ninguém poderá chamar, sem grave

injustiça, de pestilenta a esta | bela cidade de Buenos-Ayres. [OESPXIX-1890/151]

- (11) Doc.2: uhum ((concordando))... agora:: éh o que é pa/ ENtra aqui (existe) como que a questão é polêmica (né?) aqui entra... éh a questão da liberdade individual... pras pessoas podê(r) legislá(r) sobre seu próprio corpo por exemplo né?... éh *assim como::* a obrigatoriedade do uso de seguran::ça... [AC-085/RO530]

Nesse caso, não ocorre nenhum compartilhamento de estruturas entre P e Q, em (10) e ocorre apenas o compartilhamento do Suj elíptico em P e Q, em (9), e do Pred, em (11):

Ø Desejo sinceramente que sua saúde se tenha refeito com a volta ao clima em que o seu corpo foi criado,

assim como

Ø desejo que sua distinguida família se encontre bem

aqui entra... éh

a questão da liberdade individual... pras pessoas podê(r) legislá(r) sobre seu próprio corpo por exemplo né?...

éh *assim como::*

aqui entra... éh

a obrigatoriedade do uso de seguran::ça...

Há, diferentemente do que observamos nas demais ocorrências apresentadas, a possibilidade de inversão da ordem sintática sem que seja provocado qualquer prejuízo formal ou semântico, o que evidencia uma independência de Q em relação a P:

- (9*) *Desejo que sua distinguida família se encontre bem assim como desejo sinceramente que sua saúde se tenha refeito com a volta ao clima em que o seu corpo foi criado [...]*

- (10*) *[...] e ninguém poderá chamar, sem grave injustiça, de pestilenta a esta bela cidade de Buenos-Ayres assim como ninguém poderá afirmar que a capital argentina seja mais populosa do que a brasileira.*

- (11') [...] *aqui entra... éh a obrigatoriedade do uso de seguran::ça éh assim como:: a questão da liberdade individual... pras pessoas podê(r) legislá(r) sobre seu próprio corpo por exemplo né?...*

Diante desses fatores, constata-se que, nessas ocorrências, o papel da locução conjuntiva *assim como* é coordenar as estruturas de natureza completiva de P e Q no interior da mesma proposição, sendo parafraseável por *e também*. Trata-se, portanto, de um valor *aditivo* que expressa *inclusão*, responsável por assinalar que a informação veiculada pelos constituintes, sob seu escopo, em Q, deve ser acrescentada à informação expressa, em P, como subparte de uma estrutura cumulativa mais ampla.

Nessa função de coordenação aditiva, a integração entre P e Q é menor do que na de comparação, já que se trata de orações independentes. Em outras ocorrências desse tipo, verifica-se um compartilhamento maior de estruturas de P em Q (i. é, para além do SN Suj), no entanto, em nenhum dos casos, há alteração de quaisquer aspectos (como, por exemplo, flexões verbais) dos termos elípticos em Q, como observamos nos casos de comparação, o que demonstra ser esse entrelaçamento menos incisivo do que aquele. As ocorrências (12) e (13), representativas das TD carta e editorial, ilustram casos em que há esse tipo de compartilhamento, chamado aqui de menos incisivo:

- (12) [...] ella lhe pede que logo que tenhas occa | são lhe mande um retrato da tua noiva que | deseja conhecer *assim como* dos teus Irmãos, | tua e de Lafaiete ja tenho. [CPXIX-23/28]
- (13) A attitude do famoso opposicionista de | tantos ministerios e a pressa com que | procede arregimentando a camara para | apoiar sem o maior exame o programma | do gabinete de 28 de março nos conven- | cem de que os chefes liberaes mesmos es- | tão duvidosos do exito da missão do sr. | Saraiva, *assim como* estamos nós. [APSPXIX-1880/067]

Ilustra-se, na sequência, a articulação de orações aí realizada por *assim como*:

*que lhe mande um retrato da tua noiva
assim como
que lhe mande um retrato dos teus irmãos*

os chefes liberaes mesmos estão *duvidosos do êxito da missão do sr. Saraiva*,
assim como
 nós estamos *duvidosos do êxito da missão do sr. Saraiva*.

Em (12), P e Q compartilham toda a oração completiva com exceção dos respectivos SPrep Mod. (*da tua noiva*, em P, e *dos teus irmãos* em Q). Já em (13), há o compartilhamento do predicativo e de seu complemento. Não há, como se constata, alteração formal em relação às porções compartilhadas de P em Q, elípticas em Q, o que possibilita a inversão da ordem sintática, já constatada na ocorrência anterior:

que lbe mande um retrato dos teus irmãos assim como da tua noiva. nós estamos duvidosos do êxito da missão do sr. Saraiva assim como estão os chefes liberais mesmos.

Sendo assim, o papel de *assim como* é o de explicitar a coordenação das estruturas de mesma natureza Modificadora e Predicativa de P e Q, expressando valor aditivo-inclusivo, novamente podendo ser parafraseado por *e também*.

(12') *que lbe mande um retrato da tua noiva assim como (e também) dos teus irmãos.*

(13') *os chefes liberais mesmos estão duvidosos do êxito da missão do sr. Saraiva, assim como (e também) nós estamos.*

Em todas as ocorrências analisadas até o momento, observou-se, por um lado, a independência sintático-semântica das orações articuladas pela coordenação, estabelecida pela locução *juntiva*, e, por outro, a dependência, nesses mesmos domínios, das orações articuladas pela locução *juntiva* com valor comparativo (não)correlativo, de forma a ilustrar casos prototípicos desses funcionamentos. Passamos, agora, a focalizar os casos que, de alguma forma, se afastam do centro prototípico, podendo demonstrar: (i) contextos importantes para o desenvolvimento dessas relações sintáticas e, principalmente, semânticas de *assim como*; e (ii) a relação de fluidez existente entre esses dois grandes grupos: a comparação (não)correlativa e a coordenação, a partir, principalmente, do aspecto semântico da adição, como observado na proposta de Neves.

As ambiguidades constatadas em relação a (i) e (ii) associam-se às características expressas em (2), (4), (8) e (9), que dizem respeito, respectivamente, à co-ocorrência de outra conjunção, à incidência adverbial, ao

entrelaçamento de estruturas e às relações de sentido expressas nas construções. De modo geral, a ambiguidade relacionada à (9) sempre se envolve nas observadas em (2), (4) e (8).

A ocorrência (14), extraída do *corpus* da TD carta, ilustra um caso de ambiguidade contextual relacionado à presença de um advérbio e, especificamente, ao surgimento, via GR, do traço comparativo de *assim como*:

- (14) Rogamos aquelles dos nossos assignantes do interior que nos estão a dever suas assignaturas o obsequio de mandar satisfazer-as; *assim como* igualmente rogamos áquelles que estão com suas assignaturas findas, ou quasi a findar hajão de mandar renovar-as para não haver demora na remessa.
[LRXIX-4998/101]

Verifica-se que *assim como* encontra-se sem a co-ocorrência de outra conjunção e de formas reduzidas, em início de Q, articulando orações independentes, que compartilham apenas o Suj. elíptico “nós”, tornando possível a inversão sintática. Trata-se de mais um caso de coordenação aditivo-inclusiva, parafraseável por *e também*.

Destaca-se o fato de que, nesse contexto, há a incidência do advérbio comparativo “*igualmente*”, que estabelece a comparação não-correlativa entre P e Q, sendo Q coordenado por *assim como*. Temos, portanto, um ambiente propício para o empreendimento de uma mudança de significado via transferência metonímica, facilitada pelas congruências existentes entre *adição* e *comparação*: as comparações realizadas pela locução são sempre de *igualdade* e as adições se dão sempre entre *iguais* (Neves, 2000), propiciando uma relação de redundância entre adição e comparação, reforçada, ainda, pela própria estrutura sintagmática dos enunciados, já que nas construções comparativas e nas coordenadas, o Suj, comum a P e Q, sempre precede os dois predicados, ficando elíptico, na maior parte das vezes. A distinção semântico-formal entre ambas torna-se sutil e observável apenas nas relações de (não)dependência, sabendo-se que, conforme a análise apresentada até o momento, sintaticamente, as aditivas são coordenadas, enquanto as comparativas são interdependentes, proximamente a outras construções adverbiais. Isso porque, nas comparativas, verificam-se dois enunciados que se fecham em si, formando o que Neves (2000) chama de *combinação binária*, e de ordenação, em princípio, irreversível. Diferentemente, na coordenação aditiva, combinam-se enunciados indefinidamente, o que fundamenta o conceito de *inclusão*, usado aqui.

Toda essa proximidade categorial está refletida na ocorrência (14), em que pode ser presumida uma relação, senão cronológica, ao menos, gramatical, entre a coordenação aditiva, realizada por *assim como*, e a comparação, nesse caso, realizada por *igualmente*, permitindo uma transferência de significado comparativo do advérbio para a locução via pressão contextual.

A ocorrência (15), também extraída da TD carta, ilustra a ambiguidade contextual relacionada à co-ocorrência de outra conjunção *e*, especificamente, ao surgimento, via GR, do traço, agora aditivo, de *assim como*:

- (15) Cumprimos-o com um abraço, faço | Votos pelo seu [ininteligível],
e **bem assim** o de sua Excelentíssima Família, para quem peço os meus |
respeitos. [FFXX-25b/113]

Primeiramente, constata-se uma variante de *assim como*, em contexto da conjunção *e*, o que acarreta sua posição não-inicial em Q. Aqui ocorre a articulação de orações pela conjunção *e*, que assume a função coordenativa, demarcando o valor de adição-inclusão.¹¹ Nessa articulação, há o compartilhamento do Suj elíptico em P e de grande parte do Pred:

faço votos pelo seu bem estar,
e bem assim
faço votos pelo bem estar de sua Excelentíssima Família

Em Q, “bem estar” é substituído por *o*, e o pronome que modifica “bem estar”, em P, “seu”, é substituído pelo SPrep “de sua Excelentíssima Família”. Embora em construção mais complexa do que as até aqui analisadas (também por conta das condições da transcrição), é nítida a impossibilidade de inversão da ordem sintática, uma vez que a construção não conta apenas com compartilhamento de estruturas entre P e Q, mas também com o emprego de itens que estabelecem relações de referência anafórica. Constata-se, assim, uma dependência entre P e Q e, conseqüentemente, uma relação de comparação, codificada pela locução *bem assim*. Estamos, portanto, diante de um contexto oposto àquele analisado anteriormente, i. é, a coordenação é, agora, estabelecida pela conjunção *e* e a comparação, pela locução *bem assim*.

¹¹ Interpretamos o trecho ininteligível da transcrição, de acordo com o contexto, como “bem estar”.

Dessa forma, a transferência de significado por pressão contextual, parte da noção de adição-inclusão, para a de comparação, já presente em *bem assim*, o que acaba comprovando, mais uma vez, a redundância entre os aspectos semânticos que perpassam essas duas noções.¹²

Por sua vez, a ocorrência (16) representa as construções cuja ambiguidade é determinada pela colocação pronominal, ou seja, pelo entrelaçamento de estruturas:

- (16) Confiante na sua promessa, aqui | fica á espera de voltar a vê-lo em |
maio, *assim como* D. Dulce e a He- | lena, a de valor muito sincera- | mente
amiga, [FFXX-41b/132]

Em (16), *assim como* se apresenta, no início de Q, sem co-ocorrência de outra conjunção e incidência adverbial. Há compartilhamento, em Q, do Suj e núcleo do Pred:

fica a promessa de voltar a vê-lo em maio
assim como
fica a promessa de voltar a ver D. Dulce e a Helena em maio

Embora seja possível a paráfrase da locução conjuntiva por *e também*, corroborando a leitura da construção coordenada aditivo-inclusiva, o emprego do pronome oblíquo provoca uma alteração na forma verbal apresentada em P em relação à em Q, e, conseqüentemente, a inversão torna-se impossível sem que incidam alterações na construção original, o que constitui um traço característico da relativa dependência formal de Q em relação a P, como se identifica nas comparativas não-correlativas:

**fica a promessa de voltar a ver D. Dulce e a Helena em maio assim como (e também) lo.*

¹² Esse tipo de contexto de co-ocorrência da construção comparativa não-correlativa com a conjunção coordenativa *e* é recorrente também em dados de fala, como exemplifica-se em: [...] *ele teve que pará(r) de pescá(r) por causa da/ do passarinho* [Doc.: do pássaro] *toda vez assim eu falo* – “*ai pai você contan(d)o essas histórias num dá nem pra credi6[tá(r)]*” – 6 [Doc.: é]... *e minha mãe conta que foi verdade que aconteceu mesmo...* e assim como *essa tem muitas ou::tras...* [AC-086/NR552], em que há uma relação de dependência entre P e Q determinada pelo uso do demonstrativo *essa*, impossibilitando a inversão da ordem sintática, numa relação claramente comparativa.

Além disso, a presença da forma reduzida em P ajuda a caracterizar o traço de dependência. Assim, também a leitura comparativa é possível. Ilustramos ambas as possibilidades no esquema abaixo:

fica a promessa de voltar a ver	você (-lo)	<i>assim como</i> (<i>e também</i>)	(fica a promessa de voltar a ver)	D. Dulce e Helena
R	F	M	R	F

O quadro mostra, na estrutura de marcação de foco nas comparativas, que ambas as leituras são possíveis, constituindo um exemplo de ambiguidade semântico-formal da locução *assim como* em relação à coordenação aditivo-inclusiva e à comparação não-correlativa. Esse tipo de ambiguidade é constatado também no *corpus* da TD editorial:

- (17) [...] por- | que não podemos atribuir á ignorância os | seguintes periodos do seu editorial do dia | 1º do corrente: || << A *Provincia de São Paulo*, órgão de um | grupo achismado, nega-lhes (aos liberaes) | *assim como* aos conservadores, capacidade | moral; julga impossivel encontrar com a | propria lanterna de Diogenes um homem | aproveitavel entre as fileiras dos partidos mi- | litantes. [...] >> [APSPXIX-1875/008]

Nesse tópico, temos o compartilhamento do sujeito e do núcleo do Pred. Com a informação entre parênteses, correspondente ao referente do oblíquo em P, é reduzida a dependência de P e Q, tornando a inversão da ordem possível. Assim, podemos fazer a leitura do trecho também com a paráfrase por *e também*.

Um caso específico de ambiguidade provocada pelo entrelaçamento de estruturas, envolvendo indiretamente a colocação pronominal observa-se em (18):

- (18) Agora aqui estou e como dizia velha canção carnavalesca: daqui não saio, daqui ninguém me tira. Dinorah vai bem de saúde *assim também* o marido.[...] [FFXX-55d/116]

O primeiro aspecto que chama a atenção, em (18), é a ocorrência de uma variante de *assim como*, que apresenta a mesma posição inicial em Q, sem co-ocorrência de outra conjunção, incidência adverbial ou formas reduzidas e

a funcionalidade de articular as orações P e Q. Há o compartilhamento do Pred:

Dinorah *vai bem de saúde*
assim também
 o (seu) marido *vai bem de saúde*

Embora não haja alteração nas estruturas compartilhadas entre P e Q, a presença de um pronome inferível/implícito em Q, responsável pela identificação de que se trata do “marido de Dinorah”, torna agramatical a inversão da ordem sintática:

*o (seu) marido *vai bem de saúde assim também Dinorah*

A agramaticalidade é acarretada pela perda da relação semântica entre os SN “Dinorah” e “o marido”, tão clara originalmente que até dispensa o possessivo. Isso mostra que há uma dependência entre P e Q capaz de tornar rígida a ordenação e caracterizar a construção como comparativa não-correlativa. Mais uma vez, o esquema ilustra a marcação da focalização na estrutura e ajuda a comprovar sua qualidade:

Dinorah	vai bem de saúde	<i>assim também</i>	o (seu) marido	(vai bem de saúde)
F	R	M	F	R

Entretanto, a presença do item “também”, na formação da locução, propicia a leitura como uma adição inclusiva, como *e também*, constituindo, novamente, a ambiguidade entre a coordenação aditivo-inclusiva e a comparação não-correlativa. O mesmo observa-se nas ocorrências (19), extraída da TD editorial, e (20), extraída das TD caracterizadas pela oralidade, em que a contiguidade entre *assim como* e *também* ilustra a fluidez entre essa acepção e a comparativa.

- (19) Tudo isso explica-se; muita cousa descul- | pa-se e tolera-se, até certo pon-
 to: mas ainda | assim é preciso que a população estranha á | *festa* tenha
 certeza de que anda resguardada | pela vigilancia policial, *assim como também*
 | é preciso que os barulhentos e mal inten- | cionados persuadam-se de
 que arriscam-se a | encontrar a mão repressora das auctoridades [...].
 [APSPXIX-1876/018]

- (20) e:: foi o que o:: técnico Bernardinho fez agora que ele tá trabalhan(d)o com esses jogadores há:: muito tempo assim... alguns são bem velhos já de carre(i)ra... alguns são mais novos... é até legal ele mesclá(r) assim porque... a experiência dos mais velhos vai sê(r) passada com certeza pros mais NOvos... e assim por diante né?... *assim como tam(b)ém* os mais velhos tem muito a aprendê(r) com quem é mais novo [...] [AC-054/RO364]

Nessas duas ocorrências, a relação de independência entre P e Q, confirmada a partir do não compartilhamento estrutural e da possibilidade de inversão da ordem sintática, somada à co-ocorrência contígua de *também*, levamos a analisá-las como casos que, apesar de ilustrarem a fluidez entre comparação e coordenação, determinada pelas características contextuais, ainda assim, devem ser classificados como mais próximos da segunda.

Exclusivamente nos dados das TD caracterizadas pela oralidade, observa-se uma especificidade relacionada à emergência de usos comparativos não-correlativos de *assim como*. Vejamos (21):

- (21) Inf.: eu vô(u) contá(r) do meu namoro como que começô(u)... ((barulho ao fundo de carro passando)) conhe-ci... éh:: essa pessoa::... ele mora aqui faz mais ou menos uns quinze anos... mudô::(u) do lado da minha casa... mudô(u) lá::... era amiga dele::... desde peque::na conversa::va brinca::va... tudo... e::... NIsso nós fomos assim sentindo o::/ assim era criANça mas a gente sempre era... bem apegã::do a:: a famí::lia meu pai minha mãe... e morô(u) uns cinco anos naquela casa... depois muda::ram foram morá(r)... um pouco longe de casa... éh::... não tive mais contato *assim como* era antes... mas sempre conversei com ele... tinha amiza::de tal... [AC-052/NE149]

Numa primeira análise, essa ocorrência parece de fato caracterizar mais um uso da locução juntiva relacionado à comparação não-correlativa, uma vez que há a articulação de P e Q, sendo que Q compartilha o OD “contato”, de P, que assume aí a função de Suj, impossibilitando a inversão da ordem sintática, juntamente com a relação temporal icônica estabelecida entre essas orações. Entretanto, a análise prosódica dessa ocorrência, a partir da audição do inquérito, revela o seguinte contexto sintático:

Não tive mais contato assim:
como *era antes*...

Essa interpretação prosódica revela a existência de uma pausa acústica percebida claramente entre o segmento encerrado por *assim* e o introduzido por *como*, sendo também realizada uma curva entoacional ascendente em *assim* (marcando o final desse enunciado fonológico). A partir desses dados, podemos constatar que o item assume uma sinalização, ao mesmo tempo anafórica, sinalizando todo o ST anterior, no qual é descrito o tipo de contato mantido entre o falante e a pessoa em questão, e catafórica, sinalizando a comparação introduzida pelo operador de comparação *como*. Esse contexto, mais característico de dados das TD caracterizadas pela oralidade, também pode ser observado em um contexto de escrita, especificamente na ocorrência (22), extraída da TD editorial, em que, no lugar da possível pausa, evidencia-se o emprego de vírgula:

- (22) Depois de ter sido desmoralizada a nova | lei eleitoral, continuaremos a servirmo-nos | della ou nos darão a eleição directa, a idéa | dominante no esclarecido espirito de um dos | chefes da situação, o sr. Paulono de Souza? | *Assim, como* estas, muitas outras questões | Interessantes e de actualidade ficarão pairan- | do na dúvida.[APSPXIX-1876/0250]

Esse contexto parece ter importância bastante relevante para a interpretação do caminho de mudança que leva à construção comparativa não-correlativa, evidenciando um estágio anterior a essa construção, em que *assim* e *como* ainda não estão reanalisados na locução comparativa.

Outro contexto específico pode ser observado nas ocorrências (23) e (24):

- (23) Inf.: na época foi um susto porque:: eu num sabia falá(r) praticamente nada e o po(u)quinho que você sabe falá::(r) *assim que nem...* pai... mãe:: vô vó o po(u)quinho que você sabe você esquece a hora que você chega lá [...] [AC-084/NE495]
- (24) Inf.: às vezes tem algum pezinho de coisa *assim que nem* o meu genro plantô(u) um pé de pitanga lá ago::ra... e do o(u)tro lado tem um pezinho de goiaba... mas é po(u)ca coisa [...] [AC-152/DE1240]

De forma inédita, os dados das TD caracterizadas pela oralidade revelam ocorrências, como as acima, em que *assim* aparece seguido por *que nem*, uma construção típica da fala, que pode, entre outras, assumir função compa-

rativa. Também aqui, a análise prosódica revela pausa após o segmento encerrado por *assim* e o introduzido por *que nem*, e o mesmo contorno entoacional ascendente em *assim*, o que evidencia, mais uma vez, um contexto não reanalisado de *assim que nem* em locução comparativa, em que *assim* é responsável por uma sinalização catafórica que aponta a inserção de um exemplo introduzido por *que nem*. Em (23) a repetição do segmento “*o pouquinho que você sabe*”, realizado antes e depois do ST “*pai... mãe:: vô vô*”, ajuda a confirmar, estruturalmente, a natureza exemplificativa desse ST introduzido por *que nem* e sinalizado por *assim*. Em (24), não se constata uma repetição de estruturas, mas uma pausa que limita o final do ST exemplificativo “*o meu genro plantô(u) um pé de pitanga lá ago::ra... e do o(u)tro lado tem um pezinho de goiaba...*” e a continuação do desenvolvimento tópico.

Apesar de não estarmos diante de um caso reanalisado, como já foi apontando, esse contexto, além de representar, assim como o anterior, passo importante no processo de GR da locução, ainda evidencia uma variação em sua forma, que lança mão de uma construção bastante informal (*que nem*).

Diante dos casos prototípicos e das especificidades dos ambíguos de ambas as acepções da construção *P assim como Q*, sugerimos o seguinte contínuo:

coordenativas aditivas (eneárias) > comparativas não-correlativas (aditivas/binárias)
> comparativas correlativas (binárias)

Podemos dizer que as comparativas não-correlativas mantêm as características da interdependência e do binarismo, como afirma Neves (2000, p. 742), mas podem somar a essas características o valor semântico aditivo da coordenação, representando um ponto médio do contínuo, análogo à ambiguidade entre as duas acepções. Por outro lado, as coordenadas aditivas prototípicas são independentes e eneárias, e as comparativas correlativas são dependentes e binárias. O valor aditivo pode ser depreendido em todas elas, embora em graus diferenciados; mais claramente nas coordenadas e mais opacamente nas comparativas correlativas, graças à existência, entre a comparação e a adição, de uma relação redundante, já que toda construção comparativa é uma reunião entre iguais, no caso da comparação de igualdade aqui focalizada, enquanto toda construção aditiva também se faz entre iguais.

Ainda em relação ao Padrão (B), faremos algumas considerações a partir do estudo de Haspelmath e Buchholz (1998) que focaliza construções que expressam *igualdade* e *similaridade* nas línguas européias. Esses domínios incluem

construções de: igualdade, como (a), similaridade, como (b) e também “role phrases”, como (c):

- (a) *Robert is as tall as Mary.*
- (b) *Robert sings like a nightingale.*
- (c) *He works as an engineer.*¹³

Os autores utilizam a seguinte terminologia para falar das características estruturais dessas construções:

<i>Robert is</i>	<i>as</i>	<i>tall</i>	<i>as</i>	<i>Mary.</i>
<i>Comparee</i>	<i>Parameter marker</i>	<i>Parameter</i>	<i>Standard marker</i>	<i>Standard</i>
(COM)	(PAM)	(PARA)	(STM)	(STAN)

Haspelmath e Buchholz (1998) identificam algumas características tipicamente européias das construções acima que provêm fortes evidências para a existência de uma “European Sprachbund”, chamada de “Standard Average European (SAE)”. Assim, no núcleo da SAE, construções de *igualdade* e de *similaridade* são codificadas de modos não atestados nas línguas não-SAE da Europa. As características importantes das SAE codificadas nesses domínios são:

- (i) *construções de igualdade* tendem a mostrar uma marcação dupla, i. é, o SN STAN e o predicado na construção são marcados por um item analítico. Exemplos disso são *as...as*, em Inglês, *aussi...que*, em Francês, *tam...quam*, em Latim e *tão...como*, em Português. Nos casos típicos, os dois marcadores são relacionados, sendo o marcador no predicado uma forma demonstrativa e o no SN STAN uma relativa/interrogativa. Esse tipo de construção não é encontrado em grande parte das línguas para além da SAE, onde somente uma marcação, ou no predicado ou no SN STAN, aparece como regra.
- (ii) *construções de similaridade* tendem a marcar somente o SN¹⁴ STAN, usando, para isso, o mesmo marcador empregado no SN STAN das construções de

¹³ Neste trabalho, não trataremos de (c), uma vez que essa construção permite apenas paráfrase por *como*, em português.

¹⁴ Outras configurações sintáticas também são previstas neste lugar.

igualdade. Apesar de o Francês (*comme* [similaridade] vs *que* [igualdade]) e o Inglês (*as* vs *like*) serem exceções notáveis para essa tendência, a grande maioria das línguas SAE, como mostram os autores, confirmam-na.

Além disso, Haspelmath e Buchholz (1998) enfatizam que enquanto uma construção de *igualdade* relaciona-se à igualdade de *extensão*, uma construção de *similaridade* relaciona-se à igualdade de *modo*.

A partir dessas características, tanto em relação às tendências de distribuição dos marcadores (PAM e STM), quanto à distinção entre as noções de extensão e modo, relativas, respectivamente, à igualdade e similaridade, podemos, num primeiro momento, relacionar os usos do Padrão (B), especificamente, as construções *comparativa não-correlativa*, *comparativa correlativa* e também a *coordenativa aditiva* às construções de *similaridade*, uma vez que, em todas elas, depreende-se uma relação de igualdade de modo, estreitamente ligada ao próprio item *assim*.

Apesar dessa constatação genérica, algumas especificidades devem ser levantadas. Primeiramente, Haspelmath e Buchholz (1998) afirmam que, em muitas línguas, não há um PAM em construções de *igualdade*, devido ao fato de que essas construções podem ser divididas em dois subtipos: (i) o das construções canônicas, que apresentam o PAM e o STM, como se exemplifica com “Minha irmã é *tão* bonita *como* você”, em que está clara a relação de extensão; e (ii) o das construções com apenas um STM, como o caso do exemplo em italiano oferecido pelos autores: “Mia sorella è carina *come* te”, em que também se depreende a noção de extensão. É fato que, no português, a construção “Minha irmã é bonita *assim como* você” também é capaz de representar a contento essa noção de extensão, caracterizando, portanto, um uso possível dessa locução em construção de *igualdade*, ainda que não-canônica. Vale lembrar, no entanto, que em nossos *corpora* tal uso não foi atestado.

Para apresentarmos a segunda especificidade, relacionada pontualmente à construção comparativa correlativa, retomaremos o caso dos PAM e STM do Francês, também oferecido por Haspelmath e Buchholz (1998). Os autores recorrem a informações diacrônicas para justificar a participação da locução *aussi...que*, do Francês, nos casos de construções de igualdade. A primeira semelhança com a nossa construção *assim...como* está na própria formação, já que, em Francês, *aussi* deriva do Latíno demonstrativo de modo *sic* (*thus, so*) reforçado por *au-*, exatamente como ocorre com *assim*, em Português. No Francês antigo, construções de igualdade apresentavam-se com o STM *comme*

(*aussi grande comme noi*), mas este foi perdendo lugar para *que*. Assim, pelo menos diacronicamente, enxergamos uma relação muito forte com a construção comparativa correlativa do Português (Padrão (B)), que se mantém com *como* nos nossos dados. Podemos sugerir, então, que, apesar da relação mais transparente com construções de similaridade, a partir de usos marcados pela noção de modo, é possível identificarmos relações mais opacas com outras construções caracterizadas como de igualdade, por meio da grande similaridade formal evidenciada em percursos de desenvolvimento como o do Francês.

Antes de concluirmos essas últimas considerações, devemos colocar que, na mesma direção em que aponta esta análise, Haspelmath e Buchholz (1998) fazem a seguinte colocação, em nota de rodapé: “O *standard marker* relaciona-se também a ‘modo’ na Georgia (*rogorc < ra gvar(a)-c(a)* ‘*what kind*’). Também nas línguas eslavas o sentido original de *tak/jak* (*kak*) é modo, e no Francês (*aus*)*si* do Latim *sic* (*‘in this way’*). Parece haver uma tendência geral para as expressões de modo (*‘in the way’*) desenvolverem-se para expressões de grau (*‘to what extent’*)” (p. 331, tradução nossa).¹⁵ Dessa forma, sugerimos, a partir desse paralelo com outras línguas européias, que embora os usos das construções de P *assim como* Q estejam mais explicitamente relacionados à similaridade (igualdade de modo), há indícios relevantes que apontam o movimento de mudança que os relaciona a construções de igualdade de extensão, confirmando, portanto, a tendência sugerida pelos autores, no caso desse Padrão do Português.

Apresentemos, por fim, a acepção conformativa de *assim como*, a partir, primeiramente, de uma ocorrência extraída da TD carta:

- (25) No artigo – Insomnia – que hoje publicamos vem uma censura á Camara Municipal por não ter dado aos providenciais precisas para o dessecamento do tanque do Zunega, visto que pelo Excelentíssimo Governo da Provincia ja lhe forão presentes os planos e orçamentos d’aquela obra, *assim como* necessaria para a mesma obra. || [LRXIX-495/99]

Nessa ocorrência, a locução inicia Q, sem co-ocorrência de outra conjunção, incidência adverbial e formas reduzidas, de acordo com a maioria dos

¹⁵ “The *standard marker* is also on a work ‘manner’ in Georgian (*rogorc < ra gvar(a)-c(a)* ‘*what kind*’). Also in the Slavic languages the original sense of *tak/jak* (*kak*) is manner, and Franch (*aus*)*si* is from Latin *sic* (*‘in this way’*). There seems to be a general tendency for manner expressions (*‘in the way’*) to develop into degree expressions (*‘to what extent’*).”

casos já analisados. Diferentemente, aqui, existe, ao invés de uma relação *aditiva* ou *comparativa*, uma relação de *conformidade* desempenhada pela locução. Entretanto, na determinação do parentesco entre *conformidade* e *comparação*, está o traço *modo*, materializado em ambas no item *assim*:

[visto que pelo Excelentíssimo Governo da Província] já lbe foram presentes os planos e orçamentos d'aquela obra, assim como (conforme) necessário para a mesma obra.

A relação de conformidade apresenta-se sobre o formato *P, conforme Q*, no qual há o compartilhamento entre a estrutura “d’aquela obra”, em *P*, e a retomada, em *Q*, pela referência “a mesma obra”. Nessa ocorrência, a relação sintática entre os constituintes também é de dependência, como nas comparativas, mas, diferentemente do que se observa naquelas, constata-se a possibilidade de inversão da ordem sintática.

Embora na TD carta esse uso seja restrito, uma vez que encontramos apenas uma ocorrência, na TD editorial ele parece mais comum. Vejamos os exemplos abaixo:

- (26) Parece-nos mais prudente e de melhor con- | selho não exigir o regulamen-
to a frequencia | obrigatória dessas aulas nem mesmo para os | filhos dos
catholicos. | | É esta a conclusão logica do principio que | s. exc. admittiu.
| | *A reforma* assim como *vae ser executada* | permite um resultado contrario
ao pensa- | mento do s. exc.[...]. [APSPXIX-1878/044]
- (27) A cidade de S. Paulo póde ser victima de | uma peste que dizime parte de
sua população. | | É preciso tomar-se qualquer providencia a | respeito.
| | *As cousas* assim como *vão* constituem uma | ameaça muito séria á vida
dos habitantes da | cidade. [APSPXIX-1882/086]
- (28) Deu-lhes principio um presidente, senador | do imperio, com certa autori-
dade propria e in- | fluencia definida. D’ahi para ca ficaram as | obras sem
execução. | | Peçam ao menos aos srs. representa4ntes da | provincia que
o producto d’aquellas vendas | seja applicado a taes obras, offerecendo
para | isso uma emenda ao orçamento. | | O que é preciso
compreenderem é que *os edi-* | *ficios*, assim como *se acham*, vão se estragan-
| do de dia em dia, ao passo que as despesas | avultam com os concertos
e alugueis de pre- | dios particulares. [APSPXIX-1883/091]

Nota-se o compartilhamento do Suj. de P e Q, (cf. as reescritas abaixo), sendo essa estrutura deslocada para a posição temática de P e elíptica em Q. Apesar disso, a inversão sintática de P e Q é possível, sem prejuízo para a aceção conformativa:

- (26') Conforme *a reforma* vai ser executada, (P)
a reforma permite um resultado contrário ao pensamento de s. exc. [...] (Q)
- (27') Conforme *as coisas* vão, (P)
as coisas constituem uma ameaça muito séria à vida dos habitantes da cidade.(Q)
- (28') Conforme *os edifícios* se acham, (P)
os edifícios vão se estragando de dia em dia [...] (Q)

Nos editoriais, encontra-se também *Assim como* Q, P, como (29), em que, sem compartilhamento estrutural entre P e Q, é possível a inversão sintática:

- (29) *Assim como* vão as cousas no to- | cante á instrucção publica, dentro de |
 pouco tempo só haverá uma provi- | dencia util a tomar : reduzir a verba |
 para a despeza com o ensino pri- | mario. [APSPXIX-1889/138]

Em dados das TD caracterizadas pela oralidade, foi constatada apenas uma ocorrência conformativa da locução *assim como*, em contexto sem compartilhamento estrutural, como o exemplificado em (30). Vejamos:

- (30) Doc.: que que ela... por que que ela ela é contra tão contra assim o namoro?
 Inf.: porque ela num::... ela:: assim sente muito ciúmes ela acha
 que eu sou muito NO::va que eu tenho que aproveitá(r) a vi::da
 que eu tenho que estudá::(r) que... que num vale a PE na... que...
 e ela é *assim como* eu disse ela... pra ela só a família dela presta e
 tem que namorá(r) primo com primo irmão com irmão e num
 dá certo... [AC-052/NE171]

Nessa ocorrência, a oração conformativa iniciada por *assim como* ocorre após o início de P “*ela é*”, truncado para a inserção de Q, e retomado na

sequência, seguido por correção “ela... pra ela *só a família presta [...]*”. Dessa forma, constata-se que, da mesma forma como se depreenderam as estruturas *P, assim como Q* e *Assim como Q, P*, é possível também a intercalação de *Q*, em *P*, em *P[assim como Q]P*, como confirma a ocorrência em (30).

Essa acepção mostra que o traço *modal*, carregado por *assim*, representa o elo existente entre as acepções *conformativa*, *comparativa* e *aditiva* da mesma locução. Embora a dependência sintática tenha sido constatada em relação às comparativas, ela encontra-se intrinsecamente associada ao entrelaçamento de estruturas entre *P* e *Q*, constatado na construção. Em relação à acepção conformativa, a dependência entre as orações não se correlaciona a esse traço, havendo possibilidade de inversão da ordem. Essas considerações têm unicamente o objetivo de chamar a atenção para um posicionamento diferenciado dessa acepção da locução, localizada mais à direita no *continuum* PARATAXE *vs* HIPOTAXE, em relação às demais, representando mais um forte indício da fluidez que existe entre elas.

4.2. Discussão analítica: as relações e interdependências do Padrão B – *assim como*

Como foi afirmado anteriormente, os padrões, tais como o descrito acima, em que o item *assim* se envolve com relações interproposicionais, justificam uma discussão acerca das relações lógico-semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, a partir dos pressupostos teóricos apresentados em 3.

À notação 1 (inicial) e 2 (continuação), na parataxe, e α (dominante) e β (dependente), na hipotaxe, acrescentar-se-ão *P* e *Q*, chegando-se à adaptação do quadro:

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1P (inicial)	2Q (continuação)
HIPOTAXE	α P(dominante)	β Q(dependente)

Como mencionado, propõe-se que os usos interproposicionais de *assim* distribuam-se ao longo de um *continuum*, configurado entre aqueles considerados representativos de um e de outro tipo de interdependência. Partiremos, portanto, dos considerados exemplares de relações do domínio da parataxe até os exemplares de relações do da hipotaxe, passando pelos que estão em meio do caminho. Nessa construção metodológica, localizaremos, pontualmente, o *slot* ocupado pelo Padrão B, focalizado aqui.

Nos usos de *assim* na locução *assim como* apresentam-se quatro comportamentos semântico-formais, em que a locução exerce função (i) *aditiva*; (ii) *comparativa correlativa*; (iii) *comparativa não-correlativa* e (iv) *conformativa*. Dentre esses comportamentos, dois tipos de relações e de interdependência entre as orações articuladas pela locução podem ser observados.

No primeiro, *assim como* aditivo é utilizado em orações de mesmo estatuto, i. é, livres e funcionalmente independentes. Em 2Q, *assim como* representa uma *extensão* do significado de 1P a partir do acréscimo de algo novo, representativo de uma adição, que não implica nenhuma relação causal ou temporal entre as orações. Nesse caso temos, segundo Halliday (1985, p.207), a combinação da *extensão* com *parataxe*, resultando na *co-ordenação* entre orações (1P + 2Q). Como se trata de uma adição neutra, mesmo dentro da interdependência paratática, há liberdade de sequenciação/ordenação entre 1P e 2Q, possibilitando a inversão da ordem dessas orações, como exemplificado em (31):

- (31) [...] Desejo sin- | cêramente que sua saude se tenha refeito com a volta ao |
clima em que o seu corpo foi criado, *assim como* desejo | que sua distinguida
família se encontre bem[...] [FFXX-52b/119]

Assim como coordena as estruturas de natureza completiva de P e Q no interior da mesma proposição, sendo parafraseável por *e também*. Trata-se, portanto, de um valor *aditivo* que expressa *inclusão*, assinalando que a informação veiculada pelos constituintes, sob seu escopo, em Q, deve ser acrescentada à informação expressa, em P, como subparte de uma estrutura cumulativa mais ampla.

Nessa função, a integração entre P e Q é menor do que na de comparação, já que se trata de orações independentes. Em outras ocorrências desse tipo, verifica-se um compartilhamento maior de estruturas de P em Q (para além do SN Suj), no entanto, em nenhum dos casos, há alteração de quaisquer aspectos (por exemplo, flexões verbais) dos termos elípticos em Q, como observamos nos casos de comparação, o que demonstra ser esse entrelaçamento menos incisivo do que aquele.

A mesma locução, agora *comparativa (não-)correlativa* e *conformativa*, é utilizada em orações de estatutos diferentes, sendo uma considerada funcionalmente independente, (modificada) e outra funcionalmente dependente (modificadora): “o elemento modificador é dependente do modificado”

(Halliday, 1985, p.195). Nessa configuração de interdependência hipotática, a locução representa uma relação de *realce* do significado de αP a partir do acréscimo de um significado de *comparação/conformidade* dentro da categoria de *modo* apresentada por Halliday (1985, p. 211), em αQ . A combinação de *realce* com *hipotaxe* ($\alpha P \times \beta Q$) resulta no que é conhecido na gramática tradicional como “orações adverbiais”.

Entretanto, no caso das *comparativas (não-)correlativas*, diferentemente do que se observa nas relações de *realce* dentro da *hipotaxe* e também na perspectiva tradicional, é impossível a inversão da ordem das orações envolvidas: os elementos são ordenados em dependência, caracterizando traço da hipotaxe, mas são dependentes também da sequência/ordenação, o que constitui traço da parataxe. Estamos diante de um caso em que o uso da locução não pode ser categoricamente classificado como hipotático, uma vez que ainda revela traços paratáticos. Também semanticamente percebe-se uma relação intrínseca entre adição e comparação, i. é, nos casos de *realce* dentro da hipotaxe pode haver persistência da acepção aditiva. As ocorrências (32) e (33) ilustram as *comparações correlativa* e *não-correlativa*, respectivamente:

(32) eaSSi por mais *que* os queira ReduZir ao gremio deSSua igre | ja por velos
taõ derramados: ConSSigo poCo fruto aSSim por alguñs | fugirem deSSua
aldea; *Como* outros Sonegados de *quem* ostem. [AIXVIII-03/41]

(33) Meu presado Professor Fidelino | Meus pais muito estimam que o senhor
| esteja melhor, *assim como* esta sua ami- | guinha que sempre o recorda
com sal- | dade! [FFXX-54f/135]

Por outro lado, as conformativas comportam-se prototipicamente nas relações de *realce* dentro da *hipotaxe*: os elementos são dependentes, mas a ordem das orações não é determinante. Nesses casos, a relação entre essa acepção e as outras, constatadas nos demais usos da locução, pauta-se no traço modal de *assim*:

(34) No artigo – Insomnia – que hoje publicamos vem uma censura á Camara
Municipal por não ter dado aos providenciais precisas para o dessecamento
do tanque do Zunega, visto que pelo Excelentíssimo Governo da Provincia
ja lhe forão presentes os planos e orçamentos d’aquela obra, *assim como*
necessaria para a mesma obra. | [LRXIX-495/99]

5. Considerações finais

O referido *continuum parataxe > hipotaxe* dos usos juntivos de *assim* pode ser caracterizado conforme o quadro que segue:

<i>assim como</i> ADITIVO	<i>assim</i> CONCLUSIVO	<i>mesmo assim</i> CONTRASTIVO	<i>assim como</i> COMPARATIVO	<i>assim como</i> / <i>assim que</i> CONFORMATIVO / TEMPORAL
P A R A T A X E			H I P O T A X E	

Quadro 2 – *Continuum parataxe > hipotaxe*

De forma geral, ressaltamos o fato de que, embora em relações lógico-semânticas que revelam graus de complexidade distintos, as locuções e o juntor observados nesse *continuum* encontram-se em padrões sintáticos contíguos, (III) e (IV) (cf. Quadro 1). Esse dado mostra que a relação marcada na classificação fornecida a partir do cruzamento proposto por Raible confirma a constatação realizada a partir da análise sobre os pressupostos de Halliday, de que há uma forte fluidez dos padrões dessas construções, i. é, a contiguidade dos padrões sintáticos reflete a contiguidade entre *parataxe* e *hipotaxe* observada no *continuum*. Além disso, os usos que se enquadram nos padrões lógico-semânticos mais complexos, tais como *contrastividade*, revelam influências de padrões menos complexos, como *causa/condição*, em relação ao Padrão de *mesmo assim*.

Especificamente em relação ao Padrão B – P *assim como* Q, algumas observações podem ser feitas a partir desse *continuum*:

- (i) a locução juntiva *assim como* conformativa, apresentada no extremo direito do *continuum*, representa o esquema mais indicativo, juntamente com o Padrão *assim que* temporal, das relações hipotáticas;
- (ii) as locuções juntivas *assim como* e *assim que* que se localizam mais à direita desse *continuum*, especificamente no padrão sintático (IV), o mais elevado para os casos sob observação, encontram-se em padrões lógico-semânticos menos complexos, modo e tempo, respectivamente; inversamente, a locução *mesmo assim* e o juntor *assim*, que se localizam mais à esquerda desse *continuum*, especificamente no padrão sintático (III), encontram-se em padrões lógico-semânticos bem mais complexos, como é o caso das relações conclusivas e contrastivas;
- (iii) a locução juntiva *assim como* comparativa (não)correlativa, apresentada no ponto médio do *continuum* representa o esquema mais indicativo da fluidez de

traços da parataxe e da hipotaxe, uma vez que, embora localizada no domínio hipotático das relações e interdependências, apresenta traços formais da parataxe, tais como a impossibilidade de inversão sintática.¹⁶

(iv) a locução conjuntiva *assim como* aditiva representa, no ponto mais à esquerda desse *continuum*, esquema indicativo das relações paratáticas, embora também represente, já nesse ponto inicial, contextos semântico-cognitivos e formais que permitem ambiguidade entre comparação e adição.

Bibliografia

- BARBOSA, A.; LOPES, C. (2002) *Cartas de leitores e de redatores*. Cópia digital.
- _____. (2006) *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985) Above the clause: the clause complex. In: ____ *An introduction to Functional Grammar*. New York: Arnold.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (1976) *Cohesion in English*. London, Longman.
- HASPELMATH, M.; BUCHHOLZ, O. (1998) Equative and simulative constructions in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA; DÓNALL P. Ó. BAOILL (eds.). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 277-334.
- KABATEK, J. (2005) Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis* XXIX. 2, p. 151-177.
- NEVES, M. H. M. N. (2000) *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp.
- RAIBLE, W. (2001) Linking clause. In: HASPELMATH *et al.* *Language Typology and Language Universals*. Berlin e New York: Walter de Gruyter, Vol 1, p.590-617.
- SIMÕES, J. S.; KEWITZ, V. (2006) *Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPB*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- TRAUGOTT, E. (2003) Constructions in Grammatization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (orgs). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells.
- _____. (1995) The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Paper presented at ICHL XII, Manchester. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso em: 20/02/2004.
- _____. (1989) On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectivization in semantic change. *Language* 65:31-55.
- _____. (1982) From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, p. 245-271.

¹⁶ O Padrão imediatamente anterior, P *mesmo assim* Q, também caracteriza tal fluidez, mas, agora, de aspectos semântico-cognitivos, já que sua semântica contrastiva permite interpretá-lo com uma aceção que revela traços concessivos, tradicionalmente identificados no âmbito da hipotaxe.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. (1991) The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company.

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (1991) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company.